



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A BANALIZAÇÃO DA IMAGEM DO CORPO FEMININO E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COMO IMPLICADORES PARA A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Cristiane da Silva Freitas Oliveira
cristianef.sofiza@hotmail.com
EREM Bento Américo – Brasil

(20 min.)

RESUMO

Historicamente a concepção dominante de poder tem submetido as mulheres a uma socialização que tende a diminuir o seu papel ao passo que absorvem virtudes como o silêncio, obediência e abnegação. São minimizadas ao papel de filhas, mães e esposas restritas ao espaço doméstico e para tal, são utilizados eficientes mecanismos de controle como a escola (os contos de fadas), a família e a religião. Mecanismos esses, validados pelos meios de comunicação em massa de uma sociedade consumista que reforçam a desigualdade de gênero.

No entanto, o corpo feminino é apresentado largamente na mídia associado a um produto a ser consumido e descartado, um verdadeiro apelo sexual ao consumo. Propondo um dualidade preconceituosa entre a “mulher virtuosa” do lar e a “mulher produto” cuja imagem muitas vezes se sobrepõe à da mulher humana, constituindo-se assim, um incentivo aos homens não respeitarem a mulher e em nome de sua “masculinidade e poder” cometerem o crime do estupro.

Um dado preocupante é o percentual de brasileiros que consideram a mulher culpada por ser estuprada, conforme pesquisa do Instituto Datafolha publicada em 21/09/2016, na qual 37% das pessoas entrevistadas concordam com a frase: “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”. Contudo, na mesma pesquisa 91% das pessoas entrevistadas responderam que acreditam ser necessário ensinar aos meninos a não estuprarem, destacando então a importância da educação para a igualdade de gênero.

O trabalho propõe refletir sobre a crença na impunidade mesmo diante da Lei 11.340/2006 - Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e tem por objetivo prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. Ressalta também, a necessidade da presença mais efetiva do Estado através de políticas públicas que minimizem a desigualdade de gênero, a exemplo das exitosas experiências vividas por Municípios e Estados, em específico no Estado de Pernambuco no qual, a Secretaria da Mulher em conjunto com a Secretaria de Educação incentivam



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a formação e manutenção dos Núcleos de Estudos de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher na escolas de Referência da Rede Estadual de Ensino.

Sendo assim, o trabalho procura estabelecer relações entre a banalização da imagem do corpo feminino e a violência simbólica, mediante o bombardeio da mídia, dando suporte para a desigualdade e para a violência, ao passo que discute mecanismos capazes de promover a igualdade de gênero e minimizar a violência contra a mulher.

Palavras-chave: Imagem feminina; violência simbólica e de gênero; desigualdade de gênero.

ABSTRACT

Historically the dominant conception of power has subjected women to a socialization that tends to diminish their role while absorbing virtues such as silence, obedience and self-denial. They are minimized to the role of daughters, mothers and wives restricted to the domestic space and for this, efficient control mechanisms such as school (fairy tales), family and religion are used. Mechanisms validated by the mass media of a consumer society that reinforce gender inequality.

However, the female body is presented widely in the media associated with a product to be consumed and discarded, a true sexual appeal to consumption. Proposing a prejudiced duality between the "virtuous woman" of the home and the "product woman" whose image often overlaps with that of the human woman, thus constituting an incentive for men not to respect women and in the name of their "masculinity and power "to commit the crime of rape.

One worrying fact is the percentage of Brazilians who consider women guilty of being raped, according to a survey conducted by the Instituto Datafolha published on 09/21/2016, in which 37% of respondents agree with the phrase: "Women who give themselves respect are raped. " In the same survey, however, 91% of respondents said they believed it necessary to teach boys not to rape, thus highlighting the importance of gender equality education.

The work proposes to reflect on the belief in impunity even before Law 11.340 / 2006 - Lei Maria da Penha, which creates mechanisms to curb domestic violence and aims to prevent, punish and eradicate violence against women. It also stresses the need for a more effective presence of the State through public policies that minimize gender inequality, such as the successful experiences of



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Municipalities and States, specifically in the State of Pernambuco, where the Women's Secretariat, together with Secretariat of Education encourage the formation and maintenance of the Centers for Studies on Combating Violence Against Women in Reference Schools of the State Education Network.

Thus, the work seeks to establish relations between the banalization of the image of the female body and symbolic violence, through media bombardment, supporting inequality and violence, while discussing mechanisms capable of promoting gender equality and to minimize violence against women.

Keywords: Female image; symbolic and gender violence; inequality.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. INTRODUÇÃO

A concepção patriarcal dominante de poder tem submetido às mulheres ao longo do tempo a uma socialização que tende a diminuí-las, elas absorverem virtudes como o silêncio, obediência e abnegação e assumirem papéis que lhes são atribuídos e as minimizam ao papel de filhas, mães e esposas restritas ao espaço doméstico, excluídas da total participação política. Contudo, vários são os mecanismos utilizados para a manutenção da desigualdade de gênero, as instituições como a família, a igreja, a escola e também a mídia. A representação da imagem feminina tem sido amplamente divulgada na mídia associado a um produto a ser consumido e descartado, um verdadeiro apelo sexual ao consumo. Propondo uma dualidade preconceituosa, entre a “mulher virtuosa” do lar e a “mulher produto” cuja imagem muitas vezes se sobrepõe à da mulher humana, constituindo-se assim, um incentivo aos homens não respeitarem a mulher e em nome de sua “masculinidade e poder” cometerem o crime do estupro. O trabalho propõe refletir sobre a crença na impunidade mesmo diante da Lei 11.340/2006 - Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e tem por objetivo prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. Ressalta também, a necessidade da presença mais efetiva do Estado através de políticas públicas que minimizem a desigualdade de gênero. Sendo assim, o trabalho procura estabelecer relações entre a banalização da imagem do corpo feminino e a violência simbólica, mediante o bombardeio da mídia, dando suporte para a desigualdade e para a violência, ao passo que discutem mecanismos capazes de promover a igualdade de gênero e minimizar a violência contra a mulher.

Nesse contexto, ressalta-se então, a importância de discutir a igualdade de gênero para a promoção dos direitos humanos e o respeito às diferenças, uma vez que ao conceito de gênero se atribui a construção social de papéis atribuídos ao universo masculino e feminino. Analisa a influência da representação da imagem feminina de Marianne a Virgem-Mãe e a utilização da simbologia dos contos de fadas na construção da identidade feminina.

Outro fator preponderante é a repetição de estereótipos na mídia que reforçam a imagem distorcida da mulher, seja associando-a a um produto a ser vendido e consumido ou pelo desigual



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tratamento dado pela mídia para as mulheres que almejam a sua plena colocação nos espaços de poder.

Diante do exposto, este artigo discute, ainda, as desigualdades sociais entre os gêneros na construção identitária do feminino e masculino sem esquecer a valorização da diversidade. Chama a atenção para o poder influenciador da mídia e a necessidade de mudança da forma como a imagem feminina é retratada. Identificando na escola, no trabalho, nas famílias e na mídia um espaço de socialização que permita a conquista da autonomia crítica e reflexiva para a formação de cidadãos conscientes e integrados a um propósito de justiça social.

Objetiva discutir as relações de gênero, a forma como se dá o preconceito, a desigualdade e a violência de gênero, associada a representação da imagem feminina e sua ampla divulgação na mídia a fim de criar estereótipos que manipulam a imaginação popular comparando a mulher a um produto a ser consumido e não a uma pessoa, um ser humano, com sentimentos, anseios e esperança.

II. MARCO TÓRICO

A condição humana compreende muito mais do que as condições de vida que foram dadas ao homem, o ser humano, constitui-se como pessoa através das relações sociais, de uma vida em comunidade composta de pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos que estudam, trabalham, produzem e reproduzem. Para Hanna Arendt (2010, p.11) os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. Sendo assim, destaca-se a importância de analisar alguns aspectos como a identidade de gênero, as políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade de gênero e diminuição da violência contra a mulher e do homem travestido de mulher, já que o que está em questão é a imagem, o respeito à diferença e à igualdade que constitui um direito fundamental do ser humano, presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A representação da imagem feminina é alvo de agressões, da violência doméstica, seja no gênero mulher ou no homem travestido de mulher que é vítima de agressões, costumeiramente de palavras pejorativas em detrimento da pessoa humana, numa sociedade capitalista em que o corpo e



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a sexualidade é de forma padrão e alienante associada a ideia de consumo, sobrepujando a pessoa humana. Sendo assim, a expressão violência doméstica, segundo Saffiot (2004, p.44), costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e frequentemente de gênero. Esta teoricamente engloba tanto a violência de homens contra mulheres quanto a de mulheres contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto.

No Brasil, ao se referir a gênero, mesmo considerando os avanços no campo da legislação diante da Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006/ Lei Maria da Penha que:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos o § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (Lei 11.340/2006).

Ainda é comum um tratamento discriminatório com base no sexo, mediante a forma como as expectativas tradicionalmente culturais servem de modelo para a construção dos papéis sociais entre os meninos e meninas.

As relações de poder entre os gêneros, a banalização da imagem do corpo feminino e a violência simbólica como implicadores para a desigualdade e violência de gênero é o tema central de discussão para o embasamento teórico do presente artigo, seguido da desigualdade de gêneros e a violência contra a mulher (a representação da imagem feminina) e a reflexão sobre a disseminação da representação da imagem feminina de forma degradante na mídia, a exemplo de comerciais de TV e revistas e programas de TV que reforçam a ideologia machista da mulher objeto. Afinal a representação da imagem da mulher é associada a um produto que será consumido, como nos comerciais de cerveja, sendo assim, a mulher, também é considerada objeto de consumo.

A simbólica supremacia concedida ao homem

Segundo Bourdieu (2014,) para se compreender a dominação masculina é importante analisar as estruturas inscritas na objetividade e na subjetividade dos corpos. Esta estrutura inscreve-se nos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

corpos dos sujeitos dominados determinados gestos, posturas, disposições ou marcas da sua submissão. O fato de uma mulher expor o corpo na grande mídia em programas de TV ou em comerciais, implica em vários significados. A mulher passa a ser observada e associada a um objeto a ser comprado e consumido, um produto e não uma pessoa com dignidade, respeito e cidadania. O que dizer então sobre os Direitos Humanos? Ora se são consideradas objetos não são humanas inseridas no contexto dos Direitos Humanos. Esse pensamento não é abertamente difundido, mas é constantemente, na prática vivenciado através do machismo, da desigualdade de gênero e dos casos de estupro divulgados constantemente na mídia, a mesma, que apresenta a mulher como um produto também é a mesma que qualifica a mulher como culpada pelos casos de estupro, quando insinuam que mulher que se dá ao respeito, não vestem roupas sensuais (curtas, apertadas ou transparentes) “não são estuprada”. O que é um grande erro, considerando os vários casos de estupro ancorados no machismo e na impunidade.

Nos objetivos de práticas institucionais, sociais e tradicionais, universalmente há uma supremacia concedida ao homem, baseada nas atividades produtivas e reprodutivas que delimita papéis para os homens e mulheres, constitui uma divisão sexual do trabalho, na qual o homem sai em posição privilegiada.

Os modelos tradicionais de educação são alimentados por ideias de obediência, imbuídas de sentimentos, determinadas por uma determinação biológica de submissão à realidade social, numa construção do gênero masculino. A ideia de que o homem é superior à mulher e tem domínio sobre ela é construída no processo de formação da pessoa humana desde a infância reforçando a desigualdade tendo como base a diferença biológica, condicionando homens e mulheres a comportamentos distintos.

Para Bourdieu (2014, p.39) a elite dirigente masculina analisa que do ponto de vista simbólico do poder e da autoridade que liga sexualidade a poder, a pior humilhação para um homem é feminizá-lo, debochar sobre a sua masculinidade e tecer acusações de homossexualidade. Os meninos passam por uma formação agressiva, de que o homem não pode chorar, de uma educação sexual orientada para a normalização das identidades e das práticas de uma cultura tradicionalmente



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

machista. A definição do corpo e da sexualidade é produto das relações sociais, tem toda uma relação cultural antropológica.

Segundo Beauvoir (2009, p. 19) é construído, mas não é uma formulação tão simples porque há uma submissão, uma compulsão cultural ao se fazer mulher, nos termos de sua subordinação, afinal “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A autora compara, ainda, a existência dos operários e das mulheres, que sempre estiveram presentes na história, no entanto, a autora coloca que elas são mulheres por sua estrutura fisiológica e por mais que se remonte a história, sempre estiveram subordinadas ao homem. É uma situação que se criou através dos tempos independente da classe social a qual pertença. Está presente nos contos de fadas, na academia e nas discussões políticas, sendo numerosas e diversas as desigualdades entre brancos e negros, homossexuais e heterossexuais, operários e camponeses, ricos e pobres, homens e mulheres.

Desigualdade de gênero

Ao se tratar de gênero, refere-se a uma construção social dos papéis atribuídos ao feminino e ao masculino, é um princípio fundamental de organização social moldando as relações entre as pessoas, que segundo Butler (2015, p.26) ao se teorizar o status do gênero independente do sexo, o gênero se torna um artifício flutuante, desta forma, o homem e o masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino, para ela a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Concordando com Joan Scott (1988, artigo), ao mencionar a designação de gênero na gramática compreendida como um meio de classificar fenômenos sugere uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados. Enquanto categoria histórica gênero pode ser concebido como símbolos culturais invocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva.

Neste mesmo ponto ao se teorizar o status de gênero é importante ressaltar que Joan Scott analisa como o gênero foi utilizado literal ou analogicamente pela teoria política para justificar o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

reinado de monarcas ou para expressar relações entre governantes e governos, a autora explicita exemplos ligados a política e ao poder no sentido Estado-Nação, o que é de grande relevância pois a concepção dominante de nação tende a minimizar o papel das mulheres, que mais uma vez por, serem mulheres são restritas ao espaço doméstico, confinadas a reprodução e aos cuidados dos homens, os verdadeiros cidadãos do espaço público.

Butler (2015, p.31) ressalta ainda que embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural, numa formação identitária gerando valores discriminatórios com base no sexo e nas atribuições sociais para os meninos e para as meninas gerando desigualdade.

Desde a relação entre os seres humanos e o processo de organização das sociedades, existem, de alguma forma, as desigualdades entre as pessoas, uma fonte de violência que precisa ser enfrentada por toda a sociedade que se pretende desenvolvida. Refere-se a uma construção social de papéis atribuídos ao feminino e ao masculino, constituindo um princípio fundamental de organização social que molda as relações entre as pessoas, informando como a mulher e o homem devem se comportar e agir. A mídia, a escola utiliza-se dos contos de fadas como um eficiente mecanismo de fomentação da desigualdade. Bettelheim (1980, p. 233), afirma que os contos de fadas lidam de forma imaginativa com as proposições mais importantes sobre o desenvolvimento das vidas dos indivíduos. Sendo assim, é pertinente a mensagem de que a criança é encorajada a acreditar que poderá encontrar uma saída das dificuldades, no entanto, no caso das meninas, faz-se necessário o resgate e a proteção de um príncipe. Analisa-se, desta forma, o modo como as meninas são educadas para serem resignadas, para sempre esperar, aceitar, perdoar. São educadas para serem boas mães, donas de casa, submissas aos seus parceiros, mesmo estando subjugadas à violência doméstica.

Nos contos de fadas, as mulheres são apresentadas em seus personagens como a princesa indefesa que necessita de um príncipe para sua libertação e felicidade, a fada boazinha, a bruxa ou a madrasta má. Não há espaço para as mulheres fortes e decididas. O príncipe é um ser sem nome, tiram dele a condição humana, pois o que importa é sua posição social. Podendo constituir, dessa



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

forma, o que Bourdieu intitula de violência simbólica. Na qual, segundo o autor, as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também são prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante (2014, p.74).

As desigualdades entre homens e mulheres são consideradas desigualdades de gênero, ou desigualdades sociais entre os sexos e é construída ao longo do tempo não por intermédio da natureza e sim por uma questão cultural. Portanto, passível de mudanças e a educação é uma possibilidade.

A representação da imagem feminina e a violência de gênero

O debate sobre a desigualdade de gênero se faz presente na Política quando se trata, por exemplo, da pequena participação da mulher nas diversas esferas de poder. Na economia, em se tratando das relações de trabalho. As estatísticas demonstram diferenças salariais significativas e a ausência feminina na ocupação de importantes postos de trabalho. No que diz respeito aos aspectos sociais, a questão torna-se mais grave, em função de que envolve a prática da violência e até a própria vida da mulher. Pernambuco está entre os estados brasileiros que mais apresentam casos de violência e homicídios de mulheres, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

A mulher é compreendida como uma simples criatura, com forte influência das doutrinas cristãs, o sexo fraco diante da superioridade masculina que no sentido original da criação anterior de Adão enquanto Eva, advinda da costela, que segundo o mito, tomou o fruto proibido, caiu e seduziu o marido. Além da superioridade do homem divinizada na figura de Jesus, apesar de Maria ser considerada a “Mãe de Deus”. Muraro, Boff (2002, p. 94).

Ao analisar a obra de Santo Agostinho, Foucault (2014, p.168 vol 2) esclarece que para a doutrina cristã da carne também se encontra, de forma inquietante, como a violência involuntária do ato, uma vez que Santo Agostinho afirma a força irreprimível do desejo e do ato sexual como um dos estigmas da queda (movimento involuntário reproduz no corpo humano a revolta do homem



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sublevado contra Deus). Para Foucault (2015, p. 13 vol 1) a ideia do sexo reprimido ultrapassa o campo teórico, ele vai além, questiona não apenas o porquê da repressão, mas porque dizemos com tanta paixão, tanto rancor contra o nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?

Sendo assim, provoca a reflexão sobre o que nos diferencia como pessoas, as marcas que carregamos, a cor da pele, do cabelo, dos olhos, do órgão sexual ou da identidade do ser masculino ou feminino, as questões de gênero e de poder. Também ressaltada por Foucault (2014, p.180 vol 2) nas relações de poder no casamento na afirmação: “Se a mulher pertence ao marido, este só, pertence a si mesmo”. As práticas eróticas e sensuais foram condicionadas ao casamento cristão e consagrado e a mulher à sua função de procriadora, de mãe cuidadora e amamentadora de seus filhos. Foucault (2015, p. 108 vol 2) explicita que as “distribuições de poder” e as “apropriações de saber” constituem cortes instantâneos em processo seja de reforço acumulado do elemento mais forte, seja de inversão da relação, seja de aumento simultâneo dos dois termos. As relações de poder-saber não são formas dadas de repartição, são “matrizes de transformações”. Que podem ser discutidas na escola uma vez que o discurso sobre o corpo e a sexualidade, segundo Louro (2016, p.80), muda na medida em que o corpo não é mais compreendido como “um microcosmo de uma ordem maior” e abre um leque de discussões.

Butler (2015, p.31) afirma ser o gênero um conjunto de relações e não uma questão individual e alerta para o fato de apenas o gênero masculino se fundir com a pessoa universal como um só gênero, sendo as mulheres definidas com nos termos do sexo deles. Um exemplo é a própria escrita, quando se está gramaticamente correto escrever no gênero masculino (o homem) para indicar homens e mulheres como um todo, é a personalidade masculina transcendendo o corpo e se reflete nas relações sociais de submissão e empoderamento masculino. A violência doméstica, costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e frequentemente de gênero. Esta teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra mulheres quanto a de mulheres contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto. Valendo apenas ressaltar os casos de violência empregada a travestis pela representação da imagem feminina, reforçando a tese de que o fator determinante para



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a violência ultrapassa a dualidade biológica, está arraigada também na representação e na imagem do ser mulher.

A mulher, considerada sexo frágil, numa sociedade patriarcal em que o impulso sexual foi atribuído ao homem, sempre foi vítima de diversas formas de violência. No Brasil, segundo dados do Ipea (2016,p.26) treze mulheres são assassinadas por dia no Brasil, esses dados forma divulgados tomando como referência o ano de 2014. Enquanto o Brasil sediava a Copa do Mundo e se apresentava para o mundo como um país receptivo 4.747 mulheres foram vítimas de mortes por agressão. Segundo o Ipea entre 2004 e 2014 a taxa de feminicídio cresceu 11,6%. No período de 2004 a 2014, 18 estados apresentaram taxa de mortalidade por homicídio de mulheres acima da média nacional (4,6), sendo eles: Amapá (4,8), Bahia (4,8), Pernambuco (4,9), Paraná (5,1), Rio de Janeiro (5,3), Acre (5,4), Paraíba (5,7), Rio Grande do Norte (6,0), Pará (6,1), Ceará (6,3), Mato Grosso do Sul (6,4), Rondônia (6,4), Sergipe (6,5), Mato Grosso (7,0), Espírito Santo (7,1), Alagoas (7,3), Goiás (8,8) e Roraima (9,5). Com o agravante da cultura do estupro, reforçada pelo que Durval Muniz (2013, p.22) analisa como uma masculinidade constitutiva da identidade regional nordestina, de uma tradição cultural regional em que ser macho é o ponto de partida para fazer a história dos homens.

Nos noticiários a violência contra a mulher quando divulgada com preconceito e julgamentos morais contra a vítima. Impõem-se uma culpabilidade na mulher por ser atacada, por usar roupas justas ou curtas, por estar em uma festa ou na parada de um ônibus(...) Isso não favorece em nada o enfrentamento dessa violência, é um desserviço dos meios de comunicação.

Segundo matéria no Jornal do Commercio (21/09/2016) mais de um terço da população brasileira atribui à mulher a culpa por ter sofrido violência sexual. A pesquisa aponta que 37% das pessoas entrevistadas consideram que as mulheres que se dão ao respeito não são estupradas; 30% dizem que mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada; 90% das mulheres do Nordeste têm medo de ser vítima de violência sexual. Contudo 91% acreditam que é necessário ensinar os meninos na escola a não estuprar.

Evidenciando-se a importância de educar tanto meninas quanto os meninos para uma cultura



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de respeito e paz. A escola, a família, a igreja e os meios de comunicação são mecanismos que podem ser utilizados para a promoção dessa cultura. Uma outra alternativa são os Núcleos de Estudos de Gênero e Violência contra a Mulher, política pública criada para em parceria com a Secretaria de Educação e Secretaria Especial da Mulher, que consiste em forma grupos de estudos nas escolas para estudar e debater a temática de gênero, violência e desigualdade. A iniciativa pretende fortalecer a política de gênero na educação e estimular a produção de conhecimentos, mediante intercâmbio de troca de experiências práticas e estudos teóricos, além de realizar ações que promovam mudanças das relações de gênero e raça.

Ressalta-se também, as diferenças raciais constituídas pelas sociedades, hierarquizam e distinguem as pessoas pela cor da pele e dos traços físicos de forma a fazer acreditar que a natureza produz seres humanos superiores e inferiores, ampliando os índices de violência pelo fato de ser afrodescendente. Segundo o Ipea (2016, p. 22) quando aos 21 anos, onde há um pico chances de uma pessoa sofrer homicídio no Brasil, pretos e pardos possuem 147% a mais de chances de serem assassinados comparando aos brancos, amarelos e índios. Sendo assim, a mulher negra está mais vulnerável a violência, historicamente violentadas pelos seus senhores por serem mulheres e escravas.

Portanto, discutir as relações de gênero nos bancos escolares é fundamental para o papel formador da escola objetivando modificar os aspectos da educação que ainda impõem, compulsoriamente, as identidades, e, o respeito as diferenças dentro do contexto dos direitos humanos.

Na prática, observa-se que a mulher é vitimada, agredida verbalmente e fisicamente também por sua opção sexual quando “diferenciada” na norma padrão da sociedade, muitas vezes mais do que o homem homossexual. Contudo, no presente trabalho não poderia deixar de mencionar a importância do movimento queer, tão importante para a promoção de uma cultura pautada no respeito às diferenças numa cultura de paz e empatia. O movimento Queer, cuja tradução, segundo Louro (2016, p.39) pode ser entendida como estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Surgido nos Estados Unidos em meados da década de 1980, a ideia por trás do Queer Nation, como afirma Miskolci (2016, p.24), era a de que parte da população foi rejeitada foi humilhada considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação o vírus HIV. É assim que surge o Queer, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pelo surgimento e epidemia de casos de AIDS. A proposta queer não implica em defender a homossexualidade em si, consiste na recusa de valores morais, tradicionais e violentos que instituem e fazem valer a linha de abjeção, entre os que são aceitos e entre aqueles que são humilhados e desprezados coletivamente. As pessoas não podem mais ser compreendidas a partir do reducionismo e dualismo sexual.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. METODOLOGIA

A metodologia para a elaboração do presente artigo caracterizou-se por uma combinação de pesquisa bibliográfica. Inicialmente foi realizado um levantamento e seleção bibliográfica, investigando e estudando autores que tratam da questão da temática das relações de gênero, poder, violência e mídia. Em seguida a análise de pesquisas acerca da violência de gênero e documentos oficiais como a Lei Maria da Penha e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Optou-se por uma metodologia que contemplasse as intersecções dos principais temas abordados almejando a promoção de uma ressignificação epistemológica que enriqueça as discussões em torno da temática estudada.

IV. CONCLUSÃO

Faz-se necessário o fortalecimento das ONG's, dos Núcleos de Gêneros e Enfrentamento da Violência contra a Mulher e dos debates em torno da temática de gênero nas escolas, nas universidades, nas comunidades de bairro, para promoção de uma cultura em que o homem respeite a mulher como ser humano, como sua igual. Associado a pressão popular por um tratamento mais igualitário nas esferas de poder, no trabalho, nas relações familiares e também na mídia. Pode ser uma iniciativa para a mudança de como a mulher está sendo tratada na mídia. Um comercial, um produto a ser consumido. A mulher perde o nome e sua identidade, é um verão que vai e vem (comercial de cerveja), objeto de consumo dos olhares masculinos. A necessidade de mudança é eminente, para que a mulher seja retratada como pessoa humana. É preciso buscar outras fontes jornalísticas ou outras linguagens publicitárias que assegurem uma abordagem mais ampla do feminino na sociedade. E também garante a manutenção dos direitos e cidadania das mulheres.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUER JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino.** São Paulo, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6023:** informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 10550:** informação e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BEAVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOURDIEAU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL,** Brasília; Secretaria de Editoração do Senado Federal: 2015.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética.** Brasília:MEC/SEF, 1997.

BUARQUE, Cristina; OLIVEIRA, Maria de; TAVARES, Celma. Org.**Mulheres Semeando Cidadania: Cadernos de Políticas Públicas.** Recife: Pernambuco. Secretaria Especial da Mulher,2009.

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** 9ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Diário de Pernambuco, 28 de março de 2014

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

_____. **A história da sexualidade: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, vol 1 2015.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____. **A história da sexualidade: o uso dos prazeres.** São Paulo: Paz e Terra, vol 2
2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HANNAH, Arendh. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** E-book.

Jornal do Comércio, Caderno Brasil, 21 de setembro de 2016.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte:
Autêntica, 2016.

_____. **Um corpo estranho.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** Belo Horizonte:
Autêntica, 2016.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o
encontro das diferenças.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo: Fundação
Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Disponível em
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod.../Gênero-Joan%20Scott.pdf> 27/07/2017 21:00.

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. **II Plano Nacional de
Políticas para as Mulheres.** Brasília, 2008.

_____. **Lei Maria da Penha:** Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006.

_____. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.**



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio